

FRAGMENTOS MENORES DE CAIO MUSÔNIO RUFO GAIUS MUSONIUS RUFUS - FRAGMENTA MINORA

Aldo Dinucci¹

Caio Musônio Rufo, célebre filósofo estoico do primeiro século e professor de Epicteto, era, segundo a *Suda*², filho de um romano da classe equestre de nome Capito. Suidas também informa ser Musônio tirreno (etrusco), natural de Volsinii, na Etrúria³, e ter sido aluno de Hermógenes de Tarso, o sofista⁴. Segundo as cronologias comumente aceitas⁵, teria nascido no fim do reinado de Augusto ou no princípio do de Tibério (por volta do ano 30) e vivido até o reinado dos Flavianos (entre os anos 90 e 100).

Seguiu Rubélio Plauto⁶, quando este foi exilado por Nero⁷, em 60⁸. Retornou a Roma após a morte de Plauto, em 62, mas foi banido por Nero para a ilha de Giaros, em 65⁹, acusado de ter ocultado a conspiração de Pisão¹⁰.

¹ Doutor em Filosofia pela PUC/RJ e professor associado do Departamento de Filosofia da UFS. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Filosofia Viva Vox (vivavox.site90.com). Membro permanente do Mestrado em Filosofia da UFS.

² SUIDAS, *Suda*, M, 1305.

³ SUIDAS, *Suda*, M, 1305. Etrúria, chamada comumente de *Tyrrhenia* nos textos gregos e latinos: situava-se na região central da Itália, cobrindo parcialmente as áreas das atuais províncias italianas de Toscana, Lácio, Emilia Romana e Úmbria.

⁴ SUIDAS, *Suda*, E, 3046.

⁵ Cf. KING, 2011, p. 13.

⁶ Aristocrata romano e opositor de Nero, por quem foi condenado à morte. Viveu entre 33 e 62 d.C.

⁷ Imperador de Roma, que governou entre os anos 54 e 68 d.C.

⁸ TÁCITO, *Anais* xiv, 59. Tácito nos diz que os filósofos Musônio e Coeranus da Grécia aconselharam Plauto a aguardar a morte com firmeza, ao invés de levar uma vida precária e ansiosa.

⁹ Cf. TÁCITO, *Anais* xv, 71; DION CÁSSIO, lxxii; EPICETETO, *Diatribes* I.25.19-20; II.6.22; III.24.1000 e 109; Philostrato (*Vida de Apolônio*, vii, 16) ressalta que os gregos iam, por barco, visitar Musônio para ouvir seus discursos; e que, após a partida de Musônio, iam até Giaros para visitar uma fonte de água que teria sido descoberta pelo filósofo na ilha, que, até sua chegada, não tinha fonte de água potável conhecida. Giaros (atual Yioura) é uma ilha desolada do arquipélago grego das Cíclades. Miserável desde a Antiguidade, habitada por uns poucos pescadores, tornou-se posteriormente destino de vários banidos pelos imperadores romanos.

¹⁰ Gneu Calpúrnio Pisão, senador romano que comandou uma conspiração contra Nero, em 65 d.C.

Com a ascensão de Galba¹¹ (ano 68), Musônio retornou do exílio. Tentou, em 69, entre os embaixadores de Vitélio¹², deter os soldados que marchavam sobre Roma, comandados por Marco Antônio Prius, general de Vespasiano¹³, falando a eles sobre os benefícios da paz, mas não obteve êxito¹⁴.

Sob Antonino Pio, processou Públio Celer¹⁵, que, após a conspiração de Pisão, havia denunciado e levado à morte Barea Sorano¹⁶ (amigo de Musônio), obtendo a condenação¹⁷. Foi o único filósofo que não foi banido de Roma por Vespasiano em 71¹⁸, mas acabou sendo banido pelo próprio Vespasiano, em 75, retornando após a morte deste, em 79. Não se sabe a data de sua morte, mas tão somente que não mais vivia sob Trajano, pois Plínio se refere a ele então como já falecido¹⁹.

Suidas menciona suas obras e as cartas supostamente trocadas entre Musônio e Apolônio de Tiana, consideradas espúrias²⁰. Musônio, porém, nada escreveu: dois alunos seus incumbiram-se dessa tarefa: Lucius (do qual nos chegaram 21 *diatribes*, preservadas por Estobeu²¹) e Pólio, cuja obra não nos chegou senão em fragmentos²². A edição crítica de sua obra é de autoria de

¹¹ Imperador de Roma, que governou por sete meses entre os anos 68 e 69 d.C.

¹² Imperador de Roma, que, tendo assumido o império em 69 d.C., renunciou pouco depois e foi executado pelos soldados de Vespasiano.

¹³ Imperador de Roma, entre os anos 69 e 70 d.C.

¹⁴ TÁCITO, *Histórias*, iii, 81. Tácito nos diz que “Musônio uniu-se às tropas, e, amplificando as bênçãos da paz e os perigos da guerra, começou a admoestar a multidão armada. Muitos acharam-no ridículo; outros, cansativo; outros estavam prontos para atirá-lo ao chão e pisoteá-lo caso ele não tivesse ouvido os avisos dos mais comportados e as ameaças dos outros e cessado de exibir sua extemporânea sabedoria”.

¹⁵ Filósofo estoico que, tendo sido informante de Nero, foi condenado à morte e executado sob Vespasiano.

¹⁶ Senador romano condenado à morte por Nero. Suicidou-se em 65 ou 66 d.C.

¹⁷ TÁCITO, *Histórias*, iv, 10; 40. Tácito comenta que Musônio Rufo acusou Públio Celer de ter promovido a destruição de Bareas Sorano por perjúrio. Naquele momento, a memória de Sorano era mantida com reverência. Celer, por outro lado, como professor de filosofia, mas, ao mesmo tempo, amigo e delator de Bareas, era visto como evidentemente culpado.

¹⁸ DION CÁSSIO, lxxv, 13.

¹⁹ PLÍNIO, O JOVEM, *Cartas*, iii, 11.

²⁰ FILOSTRATO, *Vida de Apolônio de Tiana*, iv, 46.

²¹ ESTOBEU, *Florilégio*, xxix, 78; lvi, 18.

²² Por exemplo: AULO GÉLIO, v. 1; ix.2; xvi.1.

Hense²³, que deve ser complementada por um papiro incluído na edição de Lutz²⁴.

Os fragmentos que ora traduzimos são, em sua maioria, gnômicos, tendo como pano de fundo a doutrina moral estoica. Outros revelam que Musônio lidava com conceitos fundamentais da epistemologia estoica. Nos fragmentos 38 e 40, Musônio se refere ao conceito estoico de *phantasia* (que aqui traduzimos por “representação”). Ainda no fragmento 38, vemos que a doutrina comumente associada a Epicteto, pela qual se distingue entre o que está e o que não está sob nosso controle (cf. *Encheiridion de Epicteto*, I; *Diatribes de Epicteto* I.1), já era, na verdade, utilizada por Musônio. No fragmento 40, vemos Musônio fazer referência à disciplina do impulso (*hormê*), também comumente associada a Epicteto (cf. *Diatribes de Epicteto* III.2.1-2). Além disso, o fragmento 44 revela que o ensino de filosofia conferido por Musônio aos seus alunos incluía o estudo de problemas lógicos e de sofismas.

FRAGMENTO 22 (ESTOBEU 3.1.48 = 3.1.77 – CAPÍTULO 1: SOBRE A VIRTUDE)

Οὐκ ἔστι τὴν ἐνεσθηκίαν ἡμέραν καλῶς βιώναι μὴ προθέμενον αὐτὴν ὡς ἐσχάτην.

Não se vive belamente o dia que nasce sem propô-lo como o último.

FRAGMENTO 23 (ESTOBEU 3.2.31 – CAPÍTULO 2: SOBRE O MAL)

Τὶ προβαλλόμεθα τοὺς τυράννους μακρῶ χειρόνες αὐτῶν καθεστῶτες; τὰς γὰρ ὁμοίας αὐτοῖς ἔχομεν ὀρμάς ἐν ταῖς οὐχ ὁμοίαις τύχαις.

Por que acusamos os tiranos, quando já nos tornamos piores do que eles? Pois possuímos impulsos semelhantes em fortunas dessemelhantes.

²³ HENSE. *Musonii Rufi Reliquiae*. Leipzig 1905. Outros trabalhos importantes e recentes que tratam de Musônio são: LAURENTI. Musonio, maestro di Epitteto. In: *ANRW* 2.36.3, 1989, p. 2105-2146; FRANCIS, J. A. *Subversive virtue: asceticism and authority in the second-century pagan world*. University Park, Pa., Pennsylvania State University Press. 1995, p. 11-16.

²⁴ LUTZ, C. *Musonius Rufus: The Roman Socrates*. In: Yale Classical Studies, Volume X. A. R. Bellinger (Ed.). Yale: Yale University Press, 1947; KING, C. *Musonius Rufus: Lectures and Sayings*. William B. Irvine (ed.). Seattle: CreateSpace, 2011.

FRAGMENTO 24 (ESTOBEU 3.5.21 – CAPÍTULO 5: SOBRE O AUTOCONTROLE)

Κὰν ἡδονῆ κανονιστέον ἢ τὰ ἀρεστά, οὐδὲν τῆς σωφροσύνης ἥδιον· κὰν πόνῳ κανονιστέον ἢ τὰ φευκτά, οὐδὲν τῆς ἀκρασίας ἐπιπονώτερον.

Caso as coisas agradáveis sejam medidas pelo prazer, nada <será> mais prazeroso que a moderação. Caso as coisas a serem evitadas sejam medidas pela dor, nada <será> mais doloroso que a incontinência.

FRAGMENTO 25 (ESTOBEU 3.6.21 – CAPÍTULO 6: SOBRE A AUTOINDULGÊNCIA)

Μουσώνιος ἔλεγεν ὑπερβολὴν ἀναισχυντίας εἶναι τὸ πρὸς μὲν τὰς τῶν πόνων ὑπομονὰς μεμνηῆσθαι τῆς τοῦ σώματος ἀσθενείας, πρὸς δὲ τὰς τῶν ἡδονῶν ἐκλανθάνεσθαι.

Musônio dizia ser o extremo da falta de vergonha lembrar-se da fraqueza do corpo em relação à capacidade de suportar labores, mas se esquecer totalmente <da mesma fraqueza> em relação à capacidade de suportar prazeres.

FRAGMENTO 26 (ESTOBEU 3.6.22)

Ἀρχὴ τοῦ μὴ κατοκνεῖν τὰ ἀσχήμονα <πράττειν> τὸ μὴ κατοκνεῖν τὰ ἀσχήμονα λέγειν.

O princípio do não se abster de fazer coisas vergonhosas é o não se abster de dizer coisas vergonhosas.

FRAGMENTO 27 (ESTOBEU 3.7.22 – CAPÍTULO 7: SOBRE A CORAGEM)

Καὶ ἂν τοῦ συμφέροντος μάλιστα προαιρῆ ἔχεσθαι, μὴ δυσχέραινε ταῖς περιστάσεσιν, ἐνθυμούμενος πόσα ἤδη σοι τῶν ἐν βίῳ οὐχ ὡς σὺ ἐβούλου συνέπεσεν, ἀλλ' ὡς συνέφερον.

E, caso escolheres ater-te sobretudo ao que é útil, não sintas aborrecimento diante das dificuldades, ponderando quantas coisas na vida já te ocorreram não como desejavas, mas como era útil.

FRAGMENTO 28 (ESTOBEU 3.7.23)

Ἄρραζε τὸ καλῶς ἀποθνήσκειν, ὅτε ἕξεσσι, μὴ μετὰ μικρὸν τὸ μὲν ἀποθνήσκειν σοι παρῆ, τὸ δὲ καλῶς μηκέτι ἕξῃ.

Agarra a bela morte enquanto ela for possível: que, um pouco depois, não dependa de ti a morte, mas a bela morte não seja mais possível.

FRAGMENTO 29 (ESTOBEU 3.7.24)

Οὐκ ἔστιν ἐπὶ πολλῶν συμφέροντι ζῶντα καθηκόντως ἀποθανεῖν, μὴ ἐπὶ πλειόνων ἀποθνήσκοντα συμφέροντι.

Não é apropriado morrer ao que é útil a muitos; a não ser que, morrendo, seja útil a muitos mais.

FRAGMENTO 30 (ESTOBEU 3.31.6)

Αἰδοῦς παρὰ πᾶσιν ἄξιος ἔση, ἐὰν πρῶτον ἄρξη σαυτὸν αἰδεῖσθαι.

Merecerás respeito da parte de todos, caso primeiro comeces a respeitar a ti mesmo.

FRAGMENTO 31 (ESTOBEU 4.7.14 – CAPÍTULO 7: CONSELHO SOBRE O REINADO)

Οὐ πολὺν διάγουσι χρόνον οἱ πρὸς τοὺς ὑπηκόους ὑπὲρ ὧν ἂν πράττωσι μὴ τὸ 'καθήκει μοι' λέγειν μεμελητηκότες, ἀλλὰ τὸ 'ἕξεστί μοι.'

Não perduram por muito tempo os que, em relação aos súditos, sobre as coisas que façam, não tenham praticado <dizer> “É-me apropriado”, mas “É-me possível”.

FRAGMENTO 32 (ESTOBEU 4.7.15)

Μὴ θέλε ἐπιτάσσειν τὰ καθήκοντα τοῖς συγγινώσκουσί σοι τὰ μὴ καθήκοντα πράττοντι.

Não queiras prescrever as ações apropriadas aos que sabem que praticas as <ações> inapropriadas.

FRAGMENTO 33 (ESTOBEU 4.7.16)

Πειρατέον καταπληκτικὸν μᾶλλον τοῖς ὑπηκόοις ἢ φοβερὸν θεωρεῖσθαι· τῷ μὲν γὰρ σεμνότης, τῷ δὲ ἀπήγεια παρακολουθεῖ.

Deve-se tentar antes parecer impressionante que temível aos súditos: pois ao impressionante liga-se inseparavelmente a reverência; mas ao temível, a rudeza.

FRAGMENTO 34 (ESTOBEU 4.31D.119 – CAPÍTULO 31: SOBRE A RIQUEZA)

Τῶν μὲν Κροίσου καὶ Κινύρου θησαυρῶν πενίαν ἐσχάτην καταψηφιούμεθα, ἕνα δὲ καὶ μόνον πιστεύσομεν εἶναι πλούσιον τὸν δυνάμενον κτήσασθαι τὸ ἀνευδὲς πανταχοῦ.

Os tesouros de Croesus e Cinyra decretaremos como extrema pobreza. Somente um creremos ser rico: aquele que, onde quer que esteja, é capaz de manter-se prescindindo de tudo.

FRAGMENTO 35 (ESTOBEU 4.51.25 – CAPÍTULO 51: SOBRE A MORTE)

Τοῦ ἀποθανεῖν ὁμοίως ἐπικεκλωσμένου πᾶσιν, οὐ τὸ βραδέως ἀλλὰ τὸ ἐμφανῶς ἀποθανεῖν μακάριον.

Sendo destinado igualmente a todos morrer, é feliz quem morre não tardiamente, mas com distinção.

FRAGMENTO 36 (PLUTARCO, *MORALLA*, 453 D-E)

Καὶ μὴν ὧν γε μεμνήμεθα Μουσωνίου καλῶν ἔν ἐστιν, ὃ Σύλλα, τὸ δεῖν αἰεθραπευομένους βιοῦν τοὺς σφῶζεσθαι μέλλοντας. οὐ γὰρ ὡς ἐλλέβορον, οἶμαι, δεῖθραπεύσαντα συνεκφέρειν τῷ νοσήματι τὸν λόγον, ἀλλ' <ἔαν> ἐμμένοντα τῇ ψυχῇ συνέχριν τὰς κρίσεις καὶ φυλάσσειν. φαρμάκοις γὰρ οὐκ ἔοικεν ἀλλὰ σπιτίοις ὑγιεινοῖς ἡ δύναμις αὐτοῦ, μεθ' ὑγείας ἔξιν ἐμποιοῦσα χρηστὴν οἷς ἂν γένηται συνήθης· αἱ δὲ πρὸς ἀκμάζοντα τὰ πάθη καὶ οἰδοῦντα παραινέσεις καὶ νοουθεσίαι σχολῆ μὲν ἀνύτουσι καὶ μόλις, οὐδὲν δὲ τῶν ὄσφραντῶν διαφέρουσιν, ἀ τοὺς ἐπιληπτικούς ἐγείροντα καταπίπτοντας οὐκ ἀπαλλάττει τοῦ νοσήματος.

Certamente uma das belas coisas que lembramos de Musônio, ó Sulla, <é> o precisar sempre viver se cuidando os que desejam preservar-se. Pois não se deve descartar a razão junto com a doença, ao curar, como é o caso do heléboro. Mas, permanecendo na alma, <a razão deve> agrupar e guardar os juízos. Pois o poder dela não se parece com os remédios, mas com os alimentos saudáveis, produzindo, com a saúde, boa disposição naquele que se tenha habituado <a ela>. Mas exortações e admoestações <dirigidas> a quem tem as paixões no ápice e fermentando realizam pouco e com dificuldade. Não diferem <tais admoestações> dos sais odoríficos que despertam os epiléticos que desmaiam: não removem a doença.

FRAGMENTO 37 (PLUTARCO, *MORALLA*, 830 B)

Ὁ Ῥουτίλιος ἐκεῖνος ἐν Ῥώμῃ τῷ Μουσωνίῳ προσελθὼν Ῥουσώνιε' εἶπεν ὁ Ζεὺς ὁ Σωτήρ, ὃν σὺ μιμῆ καὶ ζηλοῖς, οὐ δανεῖζεται.' καὶ ὁ Μουσώνιος μειδιάσας εἶπεν ὁὐδὲ δανεῖζει.' ὁ γὰρ Ῥουτίλιος δανεῖζων αὐτὸς ὠνειδίζεν ἐκεῖνον δανεῖζομένῳ.

Aquele Rútílio²⁵, em Roma indo ter com Musônio, disse: “Musônio! Zeus libertador, o qual imitas e louvas, não concede empréstimos”. E

²⁵ Públio Rútílio Lupo, gramático romano do século I (cf. QUINTILIANO, 830b).

Musônio, rindo, disse: “Nem os toma”. Pois o próprio Rutilio, concedendo um empréstimo a Musônio, estava reprovando-o por tomá-lo.

FRAGMENTO 38²⁶ (ESTOBEU 2.8.30 – CAPÍTULO 8: SOBRE AS COISAS QUE ESTÃO SOB NOSSO CONTROLE)

Ῥούφου ἐκ τῶν Ἐπικτήτου περὶ φιλίας

Τῶν ὄντων τὰ μὲν ἐφ’ ἡμῖν ἔθετο ὁ θεός, τὰ δ’ οὐκ ἐφ’ ἡμῖν. ἐφ’ ἡμῖν μὲν τὸ κάλλιστον καὶ σπουδαιότατον, ᾧ δὴ καὶ αὐτὸς εὐδαιμων ἐστὶν, τὴν χρῆσιν τῶν φαντασιῶν. τοῦτο γὰρ ὀρθῶς γιγνόμενον ἐλευθερία ἐστίν, εὐροια, εὐθυμία, εὐστάθεια, τοῦτο δὲ 38.5 καὶ δίκη ἐστὶ καὶ νόμος καὶ σωφροσύνη καὶ ξύμπασα ἀρετή. τὰ δ’ ἄλλα πάντα οὐκ ἐφ’ ἡμῖν ἐποίησατο. οὐκοῦν καὶ ἡμᾶς συμψήφους χρὴ τῷ θεῷ γενέσθαι καὶ ταύτη διελόντας τὰ πράγματα τῶν μὲν ἐφ’ ἡμῖν πάντα τρόπον ἀντιποιεῖσθαι, τὰ δὲ μὴ ἐφ’ ἡμῖν ἐπιτρέψαι τῷ κόσμῳ καὶ, εἴτε τῶν παιδῶν δέοιτο εἴτε τῆς πατρίδος εἴτε τοῦ σώματος εἴτε ὀτουοῦν, ἀσμένους παραχωρεῖν.

DE RUFO: A PARTIR DOS DITOS DE EPICTETO SOBRE A AMIZADE

Das coisas, umas Deus pôs sob nosso controle²⁷; outras não. Sob nosso controle está a que é melhor e excelente, pela qual mesmo Deus é feliz: o uso das representações. Pois, tornando-se reto, este <confere> liberdade, serenidade, confiança, firmeza, bem como justiça, lei, prudência – a excelência com um todo. Mas as demais coisas não foram feitas sob nosso controle. Portanto, é preciso nos harmonizarmos com Deus e, dividindo as coisas desse modo, aplicar-nos em todos os sentidos às que estão sob nosso controle. E as que não estão, transferir para o Cosmos, mesmo que seja preciso ceder, de bom grado, ou os filhos, ou a pátria, ou o corpo, ou o que for.

²⁶ Esse fragmento aparece simultaneamente entre os fragmentos de Epicteto (SCHENKL, 38).

²⁷ A expressão *ephí hēmín* não possui equivalente direto em nossa língua. Literalmente significando “o que está sobre nós”, é comumente é traduzida, nas línguas modernas, por expressões equivalentes a “o que depende de nós” ou, como o fizemos aqui, “o que está sob nosso controle”.

FRAGMENTO 39²⁸ (ESTOBEU 3.19.13 – CAPÍTULO 19 – DA IRA)**Ῥούφου ἐκ τοῦ Ἐπικτήτου περὶ φιλίας**

Τὸ δὲ Λυκούργου τοῦ Λακεδαιμονίου τίς ἡμῶν οὐ θαυμάζει; πηρωθεὶς γὰρ ὑπὸ τίνος τῶν πολιτῶν τῶν ὀφθαλμῶν τὸν ἕτερον καὶ παραλαβὼν τὸν νεανίσκον παρὰ τοῦ δήμου, ἵνα τιμωρήσαιο ὅπως αὐτὸς βούλεται, τοῦτου μὲν ἀπέσχετο, παιδεύσας δὲ αὐτὸν καὶ ἀποφήνας ἄνδρα ἀγαθὸν παρήγαγεν εἰς τὸ θέατρον. θαυμαζόντων δὲ τῶν Λακεδαιμονίων 'τοῦτον μὲν τοι λαβὼν' ἔφη 'παρ' ὑμῶν ὑβριστὴν καὶ βίαιον ἀποδίδωμι ὑμῖν ἐπεικῆ καὶ δημοτικόν.'

DE RUFO: A PARTIR DOS DITOS DE EPICTETO SOBRE A AMIZADE

Quem de nós não se espanta com Licurgo²⁹, o lacedemônio? Pois tendo sido mutilado em um dos olhos por um dos concidadãos e tendo recebido do povo o jovem <agressor> para vingar-se como desejasse, absteve-se disso. Mas, educando-o e tornando-o homem bom, levou-o lado a lado ao teatro. Quando os lacedemônios se espantaram, <Licurgo>, compreendendo <o espanto>, disse-lhes: “Após recebê-lo de vós desmedido e agressivo, devolvo-o a vós moderado e humanizado”.

FRAGMENTO 40³⁰ (ESTOBEU 3.20.60 – CAPÍTULO 20: SOBRE A IRA)**Ῥούφου ἐκ τοῦ Ἐπικτήτου περὶ φιλίας**

Ἄλλὰ παντὸς μᾶλλον τῆς μὲν φύσεως ἐκεῖνο τὸ ἔργον, συνδῆσαι καὶ συναρμόσαι τὴν ὀρμὴν τῆ τοῦ προσήκοντος καὶ ὠφελίμου φαντασία.

DE RUFO: A PARTIR DOS DITOS DE EPICTETO SOBRE A AMIZADE

Esta é, entre todas, a maior ação da natureza: combinar e conjuntamente harmonizar o impulso à representação do que é apropriado e útil.

²⁸ Esse fragmento aparece simultaneamente entre os fragmentos de Epicteto (SCHENKL, 67).

²⁹ Célebre legislador espartano (Ca. 820-730 a.C.).

³⁰ Esse fragmento aparece simultaneamente entre os fragmentos de Epicteto (SCHENKL, frag. 169).

FRAGMENTO 41³¹ (ESTOBEU 3.20.61 – CAPÍTULO 20: SOBRE A IRA)

Τὸ δὲ οἶεσθαι εὐκαταφρονήτους τοῖς ἄλλοις ἕσεσθαι, ἐὰν μὴ τοὺς πρώτους ἐχθροὺς παντὶ τρόπῳ βλάψωμεν, σφόδρα ἀγεννῶν καὶ ἀνοήτων ἀνθρώπων. φαιμέν γὰρ τὸν εὐκαταφρόνητον νοεῖσθαι μὲν καὶ κατὰ τὸ ἀδύνατον εἶναι βλάψαι· ἀλλὰ πολὺ μᾶλλον νοεῖται κατὰ τὸ ἀδύνατον εἶναι ὠφελεῖν.

É de homens sumamente sórdidos e tolos pensar que seremos desprezíveis aos demais se não causarmos dano de todas as maneiras aos nossos maiores inimigos. Dizemos que o desprezível é concebido também como incapaz de causar dano, mas é muito melhor concebê-lo como incapaz de ser benéfico.

FRAGMENTO 42³² (ESTOBEU 4.44.60 – QUE OS SERES HUMANOS DEVEM SUPORTAR O QUE QUER QUE LHES ACONTEÇA E DEVEM VIVER VIRTUOSAMENTE)

Ῥούφου ἐκ τοῦ Ἐπικτήτου περὶ φιλίας

Ὅτι τοιαύτη ἡ τοῦ κόσμου φύσις καὶ ἦν καὶ ἔστι καὶ ἔσται καιοῦχ οἶόν τε ἄλλως γίνεσθαι τὰ γινόμενα ἢ ὡς νῦν ἔχει· καὶ ὅτι ταύτης τῆς τροπῆς καὶ τῆς μεταβολῆς οὐ μόνον οἱ ἄνθρωποι μετειλήφασιν καὶ τᾶλλα ζῶα τὰ ἐπὶ γῆς, ἀλλὰ καὶ τὰ θεῖα, καὶ νῆ Δί' αὐτὰ τὰ τέτταρα στοιχεῖα ἄνω καὶ κάτω τρέπεται καὶ μεταβάλλει καὶ γῆ τε ὑδωρ γίνεται καὶ ὑδωρ ἀήρ, οὗτος δὲ πάλιν εἰς αἰθέρα μεταβάλλει, καὶ ὁ αὐτὸς τρόπος τῆς μεταβολῆς ἄνωθεν κάτω. ἐὰν πρὸς ταῦτά τις ἐπιχειρῆ ῥέπειν τὸν νοῦν καὶ πείθειν ἑαυτὸν ἐκόντα δέχεσθαι τὰ ἀναγκαῖα, πάνυ μετρίως καὶ μουσικῶς διαβιώσεται τὸν βίον.

DE RUFO: A PARTIR DOS DITOS DE EPICETETO SOBRE A AMIZADE

Porque tal é a natureza do Cosmos, e assim era e será, e não é possível que os acontecimentos advenham de outra maneira senão como agora são. E não somente os homens e os outros animais sobre a terra partilham esse ciclo e essa transformação, mas também <as coisas> divinas. E, por Zeus, mesmo os quatro elementos voltam-se para cima e para baixo, transformando-se. Da terra advém a água; da água, o ar, que, de novo, transforma-se em éter, e essas

³¹ Esse fragmento aparece simultaneamente entre os fragmentos de Epicteto (SCHENKL, frag. 70).

³² Esse fragmento aparece simultaneamente entre os fragmentos de Epicteto (SCHENKL, 134).

mesmas transformações <ocorrem também> de cima para baixo. Passará sua vida com medida e com harmonia quem tentar voltar o pensamento para essas coisas e voluntariamente persuadir-se a aceitar a necessidade.

FRAGMENTO 43 (EPICETETO, *DIATRIBES* 1.1.26)

Θρασέας εἰώθει λέγειν ἡσήμερον ἀναιρεθῆναι θέλω μᾶλλον ἢ αὔριον φυγαδευθῆναι. τί οὖν αὐτῷ Ρουφος εἶπεν; εἰ μὲν ὡς βαρύτερον ἐκλέγη, τίς ἡ μωρία τῆς ἐκλογῆς; εἰ δ' ὡς κουφότερον, τίς σοι δέδωκεν; οὐ θέλεις μελετᾶν ἀρκεῖσθαι τῷ δεδομένῳ;

Tráseas³³ costumava dizer: “Prefiro ser morto hoje a ser exilado amanhã”. O que então que lhe disse Rufo? “Se escolheres a morte como a pena mais pesada, que loucura de escolha! Mas, se como a mais leve, quem te permitiu fazer tal escolha? Não desejas praticar o contentar-te com o que te foi dado?”

FRAGMENTO 44 (EPICETETO, *DIATRIBES* 1.7.30-33)

Τί ἔτι ἀργοὶ καὶ ῥάθυμοι καὶ νωθροὶ ἐσμεν καὶ προφάσεις ζητοῦμεν, καθ' ἃς οὐ πονήσομεν οὐδ' ἀγρυπνήσομεν ἐξεργαζόμενοι τὸν αὐτῶν λόγον; – Ἄν οὖν ἐν τούτοις πλανηθῶ, μή τι τὸν πατέρα ἀπέκτεινα; – Ἄνδράποδον, ποῦ γὰρ ἐνθάδε πατήρ ἦν, ἢν' αὐτὸν ἀποκτείνης; τί οὖν ἐποίησας; ὁ μόνον ἦν κατὰ τὸν τόπον ἀμάρτημα, τοῦτο ἡμάρτηκας, ἐπεὶ τοι τοῦτ' αὐτὸ καὶ ἐγὼ Ρουφῷ εἶπον ἐπιτιμῶντί μοι ὅτι τὸ παραλειπόμενον ἐν ἐν συλλογισμῷ τινι οὐχ εὔρισκον. οὐχ οἷον μὲν' φημι ἄει> τὸ Καπιτώλιον κατέκαυσα, ὁ δ' ἄνδράποδον, ἔφη, ἐνθάδε τὸ παραλειπόμενον Καπιτώλιον ἐστίν. ἢ ταῦτα μόνα ἀμαρτήματά ἐστι τὸ Καπιτώλιον ἐμπρῆσαι καὶ τὸν πατέρα ἀποκτείνειν, τὸ δ' εἰκῆ καὶ μάτην καὶ ὡς ἔτυχεν χρῆσθαι ταῖς φαντασίαις ταῖς αὐτοῦ καὶ μὴ παρακολουθεῖν λόγῳ μηδ' ἀποδείξει μηδὲ σοφίσματι μηδ' ἀπλῶς βλέπειν τὸ καθ' αὐτὸν καὶ οὐ καθ' αὐτὸν ἐν ἐρωτησεί καὶ ἀποκρίσει, τούτων δ' οὐδὲν ἐστίν ἀμάρτημα;

Por que ainda somos preguiçosos, insolentes e lerdos, e buscamos pretextos para não nos fatigar nem velar, cultivando a nossa própria razão?

³³ Senador romano que se notabilizou por sua oposição a Nero e por seu interesse pela filosofia estoica.

<Epicteto:> “Mas se eu me confundir nessas coisas, não matarei meu pai, não é mesmo?” <Musônio:> “Escravo, onde, aí, está o teu pai, para que o mates? O que fizeste? O único erro que há nesse assunto, tu o cometes”. Pois te digo o mesmo que eu disse a Rufo, quando me criticou porque não descobri uma omissão em um raciocínio: “Com certeza – disse eu— não é como se eu tivesse posto fogo no Capitólio”. E ele me disse: “Escravo, a omissão aqui é o Capitólio”. Ou somente são erros incendiar o Capitólio e matar o pai, mas servir-se das próprias representações ao acaso e de modo vão e confuso e não compreender <nem> um raciocínio, nem uma demonstração, nem um sofisma, nem, em resumo, ver no diálogo o que é consistente e o que não é – nenhuma dessas coisas é um erro?

FRAGMENTO 45 (EPICTETO, *DIATRIBES* 1.9.29-32)

οὕτως καὶ Ῥοῦφος πειράζων με εἰώθει λέγειν ἰσυμβήσεται σοι τοῦτο καὶ τοῦτο ὑπὸ τοῦ δεσποτοῦ· κάμοῦ πρὸς αὐτὸν ἀποκριναμένου ὅτι ἀνθρώπινα, ἴτι οὗν ἔφη ἑκείνων παρακαλῶ παρὰ σοῦ αὐτὰ λαβεῖν δυνάμενος; τῷ γὰρ ὄντι, ὃ ἐξ αὐτοῦ τις ἔχει, περισσὸς καὶ μάταιος παρ’ ἄλλου λαμβάνων.

Desse modo também Rufo, testando-me (29), costumava dizer “Teu senhor te fará isto ou aquilo”. E eu respondia a ele que (30) “São coisas que acontecem aos homens”. “E então?” <dizia ele> “Ainda pedirei a ele (31) o que posso obter diretamente de ti?” (32) Pois é supérfluo e vão tomar de outro o que se pode obter de si mesmo.

FRAGMENTO 46 (EPICTETO, *DIATRIBES* 3.6.9-10)

Τῶν νέων τοὺς μαλακοὺς οὐκ ἔστι προτρέψαι ῥάδιον· οὐδὲ γὰρ τυρὸν ἀγκίστρῳ λαβεῖν· οἱ δ’ εὐφυεῖς, κἂν ἀποτρέψης, ἔτι μᾶλλον ἔχονται τοῦ λόγου. διὸ καὶ ὁ Ῥοῦφος τὰ πολλὰ ἀπέτρεπεν τούτῳ δοκιμαστηρίῳ χρώμενος τῶν εὐφυῶν καὶ ἀφυῶν. ἔλεγε γὰρ ὅτι ἕως ὃ λίθος, κἂν ἀναβάλλῃς, ἐνεχθήσεται κάτω ἐπὶ τὴν αὐτοῦ κατασκευὴν, οὕτω καὶ ὁ εὐφυῆς, ὅσω μᾶλλον ἀποκρούεται τις αὐτὸν, τοσοῦτω μᾶλλον νεύει ἐφ’ ὃ πέφυκεν.

Dos jovens, não é fácil atrair os que são moles, pois não se prende um <pedaço de> queijo com um anzol. Mas os naturalmente bem constituídos, se tu afastá-los, ainda mais se prendem à razão. Por isso, Rufo na maioria

das vezes os afastava, fazendo uso do teste dos bem constituídos e dos mal constituídos. Pois dizia que “A pedra, mesmo quando a lançares para cima, será conduzida para baixo por causa de sua constituição. Assim também é o bem constituído: quanto mais alguém o afasta, tanto mais se inclina para aquilo que <lhe> é natural”.

FRAGMENTO 47 (EPICTETO, *DIATRIBES* 3.15.14)

Ῥούφῳ τις ἔλεγεν Γάλβα σφαγέντος ὅτι ἄνθρωπος ὁ κόσμος διοικεῖται; ὁ δὲ μὴ παρέργως ποτ’ ἔφη ἄπο Γάλβα κατεσκεύασα, ὅτι προνοία ὁ κόσμος διοικεῖται;’

Quando Galba foi assassinado, alguém indagou a Rufo: “O Cosmos ainda é administrado pela Providência?” E Rufo disse: “Mas, mesmo de modo incidental, eu provei³⁴, baseado em Galba, que o Cosmos é administrado pela Providência?”

FRAGMENTO 48 (EPICTETO, *DIATRIBES* 3.23.29)

Εἴωθε λέγειν ὁ Ῥούφος ἑὶ εὐσχολεῖτε ἐπαινέσαι με, ἐγὼ δ’ οὐδὲν λέγων. τοιγαροῦν οὕτως ἔλεγεν, ὥσθ’ ἕκαστον ἡμῶν καθήμενον οἶεσθαι, ὅτι τις ποτε αὐτὸν διαβέβληκεν· οὕτως ἤπτετο τῶν γινομένων, οὕτω πρὸ ὀφθαλμῶν ἐτίθει τὰ ἐκάστου κακά.

Costumava dizer Rufo: “Se tens bastante tempo livre para elogiar-me, não estou dizendo nada <de útil>”. Então falava de modo que cada um de nós, sentados, pensava que alguém alguma vez o denunciara. Desse modo, percebia os acontecimentos. Desse modo, colocava os males de cada um diante dos olhos.

³⁴ ΚΑΤΑΣΚΕΥΑΖΩ: na argumentação, significa “sustentar”, “provar”.

FRAGMENTO 49 (AULUS GELLIUS, 5.1)

QUOD MUSONIUS PHILOSOPHUS REPREHENDIT INPROBAUTQUE LAUDARI PHILOSOPHUM DISSERENTEM A UOCIFERANTIBUS ET IN LAUDANDO GESTIENTIBUS.

*** Musonium philosophum solitum accepimus. ‘Cum philosophus’ inquit ‘hortatur, monet, suadet, obiurgat aliudue quid disciplinarum disserit, tum, qui audiunt, si de summo et soluto pectore obuias uulgasque laudes effutiunt, si clamitant etiam, si gestiunt, si uocum eius festiuitatibus, si modulis uerborum, si quibusdam quasi fritamentis orationis mouentur, exagitantur et gestiunt, tum scias et qui dicit et qui audiunt frustra esse neque illi philosophum loqui, sed tibicinem canere. Animus’ inquit ‘audientis philosophum, <dum>, quae dicuntur, utilia ac salubria sunt et errorum atque uitiorum medicinas ferunt, laxamentum atque otium prolixè profuseque laudandi non habet. Quisquis ille est, qui audit, nisi ille est plane deperditus, inter ipsam philosophi orationem et perhorrescat necesse est et pudeat tacitus et paeniteat et gaudeat et admiretur, uarios adeo uultus disparilesque sensus gerat, proinde ut eum conscientiamque eius adfecerit utrarumque animi partium aut sincerarum aut aegrarum philosophi pertractatio.’ Praeterea dicebat magnam laudem non abesse ab admiratione, admirationem autem, quae maxima est, non uerba parere, sed silentium. ‘Idcirco’ inquit ‘poetarum sapientissimus auditores illos Vlixi labores suos inlustrissime narrantis, ubi loquendi finis factus, non exsultare nec strepere nec uociferari facit, sed consiluisse uniuersos dicit quasi attonitos et obstupidos delenimentis aurium ad origines usque uocis permanantibus: ὡς φάτο· τοῖ δ’ ἄρα πάντες ἀκὴν ἐγένοντο σιωπῆ, κληθμῶ δ’ ἔσχοντο κατὰ μέγαρα σκίοεντα.’

QUE O FILÓSOFO MUSÔNIO REPREENDEU E DESAPROVOU SER ELOGIADO UM FILÓSOFO, ENQUANTO DISCURSA, POR PESSOAS QUE GRITAM E GESTICULAM ENQUANTO O ELOGIAM.

(1) Ouvimos que o filósofo Musônio comumente <...>³⁵ “Quando o filósofo exorta, admoesta, persuade, reprova, ou <faz> outra coisa que o ensino tenha prescrito, se, então, os ouvintes bradam, de peito aberto e em alta voz, elogios óbvios e vulgares; se, pelos encantos de sua voz, pelo ritmo das palavras, por certa musicalidade de seu discurso, são movidos, exaltados e gesticulam,

³⁵ Lacuna do texto latino.

então saibas também que tanto o que fala quanto os que ouvem estão no erro, e que naquele lugar não fala um filósofo, mas toca uma flauta”. Diz <Musônio> também: “Ao espírito daquele que ouve um filósofo, na medida em que as coisas ditas são úteis e saudáveis e trazem remédios para os erros e para os vícios, não se proporciona relaxamento nem ócio para <permitir-lhe realizar> elogios prolixos e profusos. Quem quer que seja o ouvinte, a não ser que esteja completamente corrompido, é necessário, enquanto fale o filósofo, que estremeça, que tacitamente se envergonhe, que se arrependa, que se admire, que se alegre, e mesmo que assuma várias expressões faciais e díspares emoções, conforme o detalhado tratamento do filósofo tenha afetado a ele e sua ciência de cada uma das partes de sua alma, sejam as saudáveis, sejam as enfermas”. Além disso, <Musônio> dizia que o grande elogio não está ausente da admiração, porém a admiração, no grau máximo, produz não palavras, mas silêncio. “Por essa razão”, diz <Musônio>, “o mais sábio dos poetas, ao <fazer> Ulisses narrar com distinção os seus trabalhos, quando se dá o fim da fala, não faz os ouvintes exultarem, nem fazerem barulho, nem gritarem, mas diz <que> quedaram em silêncio, como se atônitos e estupefatos pelo encantamento dos ouvidos, que afeta até a fonte da fala: “Assim falou Ulisses, e, na sala cheia de sombra, todos se mostravam encantados e permaneciam imóveis e em silêncio”. (*Odisséia*, 13.1)³⁶

FRAGMENTO 50 (GELLIUS 9.2.8-10: SOB O TÍTULO: COM QUE PALAVRAS HERODES ÁTICO CRITICOU UM COLEGA QUE ASSUMIRA NOME E MODOS DE FILÓSOFO POR MEIO DE FALSO VESTIR-SE E MOSTRAR-SE)

Tum nos aspiciens, qui eum sectabamur: ‘Musonius’ inquit ‘aeruscanti cuiquam id genus et philosophum sese ostentanti dari iussit mille nummum, et cum plerique dicerent nebulonem esse hominem malum et malitiosum et nulla re bona dignum, tum Musonium subridentem dixisse aiunt: ἄξιός οὖν ἔστιν ἀπυπίου.

Enquanto observava a nós, que o seguíamos, <Herodes Ático³⁷> disse: Musônio ordenou dar mil sestércios a alguém desse gênero³⁸ que pedia

³⁶ Tais versos da *Odisséia* na tradução de Antônio Pinto de Carvalho (cf. HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Abril Cultural, 1981, p. 120).

³⁷ Famoso sofista da Segunda Sofística, com quem Aulo Gélío estudou em Atenas. Viveu entre 101 e 170.

³⁸ Gélío mencionara pouco antes que um homem, fazendo-se passar por filósofo, acabara de pedir dinheiro a Herodes Ático, em razão do que este se recordou do episódio com Musônio.

dinheiro e que se exibia como filósofo, e quando muitos disseram ser aquele um homem desprezível, mau e malicioso, e que nada merecia de bom, dizem que Musônio, sorridente, falou: “Merece, pois, o dinheiro”.

FRAGMENTO 51 (GELLIUS 16.1 SOB O TÍTULO “PALAVRAS GREGAS DO FILÓSOFO MUSÔNIO QUE MERECEM SER OUVIDAS E SEGUIDAS”)

Ἄν τι πράξις καλὸν μετὰ πόνου, ὁ μὲν πόνος οἴχεται, τὸ δὲ καλὸν μένει· ἄν τι ποιήσης αἰσχρὸν μετὰ ἡδονῆς, τὸ μὲν ἡδὺ οἴχεται, τὸ δὲ αἰσχρὸν μένει.

Caso faça algo nobre com sofrimento, o sofrimento passa, mas a nobreza permanece. Caso realize algo vergonhoso com prazer, o prazer passa, mas a vergonha permanece.

FRAGMENTO 52 (GELLIUS 18.2.1 SOB O TÍTULO “DOS TIPOS DE QUESTÕES QUE USÁVAMOS DURANTE AS SATURNÁLIAS EM ATENAS”)

Saturnalia Athenis agitabamus hilare prorsum ac modeste, non, ut dicitur, remittentes animum – nam ‘remittere’ inquit Musonius ‘animum quasi amittere est’ –, sed demulcentes eum paulum atque laxantes iucundis honestisque sermonum inlectionibus.

Passávamos a saturnalia em Atenas de modo alegre e disciplinado, não, como é dito, relaxando o espírito, pois “relaxar o espírito”, diz Musônio, “é quase pô-lo a perder”³⁹ –, mas afagando-o um pouco e estendendo-o por meio dos agradáveis e dignos encantos da conversação.

FRAGMENTO 53 (AELIUS ARISTIDES, ORAÇÕES LII)

προτρέπων μὲ τις θαρρήσαι Μουσωνίου διήκει λόγον· ἑκεῖνος, ἔφη, βουλομένός τινα ἀνασπῆσαι κάμνοντα καὶ ἀπειρηκότα οὕτως πῶς εἶπεν καθαπτόμενος· τί μένεις; ποῖ βλέπεις; ἢ μέχρι ἂν αὐτὸς ὁ θεὸς παραστάς σοι φωνὴν ἀφιῆ; ἔκκοπον τὸ τεθηηκὸς τῆς ψυχῆς, καὶ γνώση τὸν θεόν· τοιαῦτ’ ἔφη τὸν Μουσώνιον εἰπεῖν.

³⁹ Musônio faz um jogo de palavras: *remittere* (relaxar) é quase *amittere* (perder).

Alguém, buscando encorajar-me, usou as palavras de Musônio. Ele, disse, desejando que alguém, cansado e derrotado, se soerguesse, falava do seguinte modo, censurando-o: “Por que estás parado? Pelo que esperas? Que o próprio Deus, estando ao teu lado, dirija-te a palavra? Corta a parte morta da tua alma, e conhecerás Deus”. Coisas tais dizia falar Musônio.

REFERÊNCIAS

- AULO GÉLIO. *Attic Nights*. Volumes I, II, III. Trad. J. C. Rolfe. Harvard: Loeb Classical Library, 1927.
- DINUCCI, A. *Introdução ao Manual de Epicteto*. 3 ed. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.
- DION CÁSSIO. *Roman History*. Trad. Cary; Foster. Harvard: Loeb Classical Library, 1914-1927.
- EPICETETO. *The Discourses as reported by Arrian (Books I, II, III & IV)*; Fragments; Encheiridion. Trad. W. A. Oldfather. Cambridge: Loeb, 2000.
- EPICETETO. *O Encheiridion de Epicteto*. Trad. Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.
- EPICETETO. *Testemunhos e Fragmentos*. Trad. Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2008.
- ESTOBEU. *Florilegium*, vol I e II. Augustus Meineke (ed.). Lipsiae: Taubner, 1855.
- FILOSTRATO. *Apollonius of Tiana*, Volumes I, II, III. Trad. C. P. Jones. Harvard: Loeb Classical Library, 2005-2006.
- FRANCIS, J. A. *Subversive virtue: asceticism and authority in the second-century pagan world*. University Park, Pa: Pennsylvania State University Press, 1995.
- HENSE. *Musonii Rufi Reliquiae*. Leipzig 1905.
- HOMERO. *Odisséia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- KING, C. *Musonius Rufus: Lectures and Sayings*. William B. Irvine (ed.). Seattle: CreateSpace, 2011.
- LAURENTI. Musonio, maestro di Epitteto. In: *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, 2.36.3, 1989, p. 2105-2146.
- LUTZ, C. Musonius Rufus: The Roman Socrates. IN: *Yale Classical Studies*, Volume X. A. R. Bellinger (ed.). Yale: Yale University Press, 1947.
- PLÍNIO, O JOVEM. *Letters*, Volumes I, II. Trad. B. Radice. Harvard: Loeb Classical Library, 1969.

PLUTARCO. *On the Control of Anger*. Trad. W. C. Helmbold. Harvard: Loeb Classical Library, 1939.

QUINTILIANO. *The Orator's Education*, VolumeS I, II, III, IV, V. Trad. D. A. Russel. Harvard: Loeb Classical Library, 2002.

SCHENKL H. Die Epiktetischen Fragmente. In: *Sitzungsberichte der philos. – hist. Calsse der K. Akad. der Wiss. Viena*, 115 (1888), 443-546.

SUIDAS. *Suidae lexicon*. Ada Adler (ed.). Leipzig: 1928-1938.

TÁCITO. *Annals, Volumes I, II*. Trad. Jackson John. Harvard: Loeb Classical Library, 1937.

TÁCITO. *Histories, Volumes I, II*. Trad. Clifford, M; J. Jackson. Harvard: Loeb Classical Library, 1925-1931.

Recebido em: 10.03.2012

Accito em: 04.06.2012